

10.

IGREJA DE SANTA MARIA DE MEINEDO



Rua da Igreja, 137
Meinedo
Lousada



41° 14' 55,20" N
8° 15' 26,27" O



918 116 488



Qua., sex., sáb. 19h



Nossa Senhora das Neves
5 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1945



P. 25



P. 25



x

A Igreja de Santa Maria de Meinedo apresenta um programa arquitetónico muito preso ao “românico rural”. A sua datação deve ser situada entre o final do século XIII e o início do século XIV, embora o templo perpetue esquemas decorativos e soluções construtivas que seguem os modelos românicos. Apesar desta datação tardia, o prestígio da Igreja é muito grande, uma vez que Meinedo foi sede de um bispado no século VI.

Um pouco a norte da Igreja e, possivelmente, no local de uma “villa” romana, há vestígios de muros e alguns capitéis que terão pertencido a uma basílica.

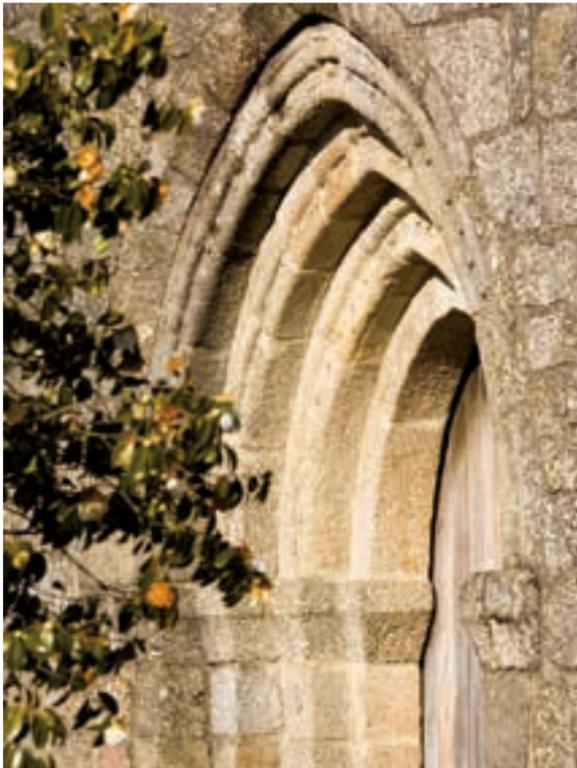
A campanha de escavações arqueológicas, realizada entre 1991 e 1993, permitiu identificar a abside de um edifício de planta cruciforme que poderá datar do período suevo, quando “Magnetum” foi sede de bispado.

O bispo de Meinedo, Viator, esteve presente no segundo Concílio de Braga, realizado em 572 e presidido por São Martinho de Dume. A basílica de “Magnetum” terá passado, pouco depois, a igreja paroquial como indica a sua referência no *Parochiale Suevicum*, documento que regista o número de paróquias pertencentes a cada diocese, e cuja elaboração decorreu da organização pa-

roquial impulsionada por São Martinho de Dume.

Meinedo era então um "vicus", o que significava a existência de uma povoação com parte do seu habitat organizado em ruas. Os elementos remanescentes da basílica, como capitéis e impostas, revelam uma construção de relativa grandeza e aparato. Em 1113, o bispo do Porto, D. Hugo (episc. 1113-1136), recebe de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), o couto do mosteiro de Santo Tirso de Meinedo. Desconhece-se a data de fundação deste mosteiro embora a lenda, consagrada no *Agiologio lusitano...*, afirme que foi o sogro do rei visigótico Recaredo que, da cidade de Constantinopla (atual Istambul, Turquia), trouxe o corpo de Santo Tirso, tendo fundado o mosteiro sob a sua evocação.

O templo apresenta uma planta de nave única e cabeceira retangular, como a maioria das igrejas românicas portuguesas, ambas com cobertura de madeira de duas águas. O portal principal, sem tímpano nem colunas, abre-se em arco apontado e tem as arquivoltas decoradas com motivo de pérolas, num arranjo próprio do "gótico rural".



A cabeceira é rematada superiormente por cornija que assenta em cachorros lisos, enquanto a nave apresenta elementos semelhantes, tendo, no entanto, alguns cachorros esculpidos. O portal sul não apresenta qualquer decoração e o do norte encontra-se entaipado.

Conjugando estes elementos, é possível propor uma datação já do final do século XIII ou do início do século XIV, ressaltando embora que a Igreja de Meinedo constitui um interessante exemplar no contexto da arquitetura medieval da bacia do Sousa que utiliza, durante largo tempo, soluções próprias da arquitetura românica.

No interior da Igreja, intervencionado por obras que lhe conferiram um aspeto depurado, sobressai o revestimento em talha dourada que ocupa toda a superfí-

cie da parede contígua ao arco triunfal, fazendo parte dessa estrutura os altares colaterais, que enquadram a capela-mor. A capela-mor de Meinedo, pela articulação que testemunha entre arquitetura, revestimentos parietais em talha, azulejo e pintura, bem como pela estrutura dos três retábulos que compõem o conjunto, afirma-se como um notável exemplo de unidade estética, do final do século XVII.

As obras de recuperação da Igreja de Meinedo foram iniciadas em 1991, sob a tutela do Instituto Português do Património Arquitetónico. Para além dos trabalhos de conservação e restauro do templo, a execução deste projeto incluiu também a realização de escavações arqueológicas no interior e no exterior.



NOSSA SENHORA DE MEINEDO

A imagem de Nossa Senhora de Meinedo ou de Nossa Senhora das Neves apresenta vestígios de policromia, o que se acorda com a descrição que dela faz o autor do *Santuário mariano...* quando refere que era pintada de cores e ouro.

É uma escultura de vulto da época gótica, cuja grande devoção está bem documentada na Época Moderna. A escultura foi cavada na parte posterior, circunstância bastante frequente, que se destinava a tornar as imagens mais leves com a finalidade de serem levadas em procissão.

Em Meinedo foi encontrada, em campanha de escavações arqueológicas da década de 90 do século XX, uma outra imagem gótica, fragmentada, representando Santo António, em calcário e com vestígios de policromia. Estava enterrada no lado norte do adro da Igreja. A sua eliminação está de acordo com as determinações Sinodais que ordenavam que as esculturas velhas e em mau estado fossem quebradas e enterradas em chão sagrado, nas cabeceiras ou nos adros das igrejas.

O amplo incremento da produção gótica de escultura, tanto de vulto como retabular, deve ser enquadrado no fenómeno devocional da época. Se na época românica se rezava, mais frequentemente, diante das relíquias, na época gótica aquelas já não satisfazem as necessidades devocionais. Reza-se agora diante das imagens esculpidas ou pintadas.

No interior das igrejas multiplicam-se os altares ora da encomenda de confrarias, ora em capelas instituídas com a finalidade de celebrar sufrágios, aspeto que acompanha a progressiva crença no Purgatório, e que obriga a uma imensa quantidade de missas programadas nos testamentos. Na época gótica, ver é cada vez mais uma radicalidade. É preciso ver o santo, tocar-lhe, fazer preces diante da imagem, raspar a escultura ou a pintura porque a sua matéria é sagrada e tem poderes taumatúrgicos. Os santos são os grandes intermediários entre os homens e Deus e a sua capacidade é múltipla. Curam, provocam conversões, fazem milagres e desencadeiam fortes emoções.

O estudo das imagens não pode atender unicamente às suas formas iconográficas ou narrativas, mas também às suas funções e aos seus usos em contextos sociais, políticos e ideológicos em constante renovação.

O valor das imagens de um santo ou de um ciclo narrativo não se resume ao seu poder miraculoso. As imagens têm também de encantar e de causar admiração. Deverão ser belas, coloridas, ricas, expressivas e dramáticas para que exerçam fascínio sobre o espectador. Além das imagens dos santos, a época gótica estimou particularmente a imagem de Nossa Senhora, representada como Mãe de Cristo.

A imagem de Meinedo deverá enquadrar-se na produção coimbrã, talvez datando já do século XV, pela forma como são moldadas as vestes e pela relação entre Nossa Senhora e o Menino. No entanto, o quase total desaparecimento da policromia confere-lhe um aspeto um pouco arcaico, o que torna complexa a sua datação.

